



Igreja no Brasil: um modelo da reforma litúrgica conciliar. Uma reflexão histórica sobre a caminhada de estudiosos, pensadores e grandes nomes da liturgia

Church in Brazil: a model of conciliar liturgical reform. A historical reflection on the journey of scholars, thinkers and great names of the liturgy

*André Luiz Massaro**

Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto

Recebido em: 29/06/2021. Aceito em: 13/10/2021.

Resumo: *A realização do Concílio Vaticano II foi um tempo privilegiado do Espírito de Deus que pairava sobre a Igreja Católica. A Igreja no Brasil participou ativamente de sua construção e aplicação. Passados mais de 50 anos, o Vaticano II é o que se tem de normativo na vida eclesial, e por isso prossegue na tarefa de continuar sendo inspiração e motivação para sustentar a Igreja no coração do ser humano contemporâneo, capaz de responder aos seus novos clamores e desafios, mas, sobretudo celebrar a sua fé, concretizada na história, com profetismo e mística. No Brasil, não houve simplesmente uma adaptação da Tradição, mas a Igreja permitiu-se desinstalar-se e buscar novos caminhos, particularmente no seu repertório litúrgico, capazes de integrar os fiéis, voltar às suas fontes originais e alcançar tanto afastados como mais próximos. Assim, a teologia litúrgica no Brasil, bem assistida pela CNBB, foi desenvolvida com a reforma conciliar do Vaticano II estendeu-se a diversos espaços de compreensão da celebração cristã, abrindo novos horizontes e expectativas para a vida das comunidades. A CNBB, desde o Vaticano II, buscou recuperar e desenhar uma nova eclesiologia e é a ação litúrgica que reflete por excelência a transformação*

* Mestre em Teologia Litúrgica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP, 2018). Pós-graduado *latu-sensu* em Diálogo Ecumênico e Inter-religioso (Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC, Florianópolis, 2011). Pós-graduado *latu-sensu* em Liturgia (Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, IFITEG, Goiânia, GO, 2015). Graduado em Filosofia (Instituto São Boaventura de Santo Amaro, SP, 1995). Graduado em Teologia (Faculdade Assunção, São Paulo, SP, 1999).

E-mail: andlmas@hotmail.com.





da imagem da Igreja no Brasil, que segue hoje, particularmente na sua liturgia a inspiração vinda das fontes Bíblicas e Patrísticas. Por isso mesmo, diversos liturgistas brasileiros das últimas décadas, unidos aos Padres Conciliares do Vaticano II, conseguiram resgatar dimensões importantíssimas da tradição dos ritos que haviam se perdido na história, particularmente do primeiro para o segundo milênio, quando houve uma desastrosa mudança de eixo, do essencial para elementos um tanto periféricos.

Palavras-chave: Vaticano II. Liturgia. Renovação. Participação. CNBB. Brasil.

Abstract: *The holding of the Second Vatican Council was a privileged time of the Spirit of God that hung over the Catholic Church. The Church in Brazil actively participated in its construction and application. More than 50 years later, Vatican II is the norm in ecclesial life, and therefore continues in the task of continuing to be inspiration and motivation to sustain the Church in the heart of the contemporary human being, capable of responding to its new cries and challenges, but above all celebrating its faith, realized in history, with prophetism and mystique. In Brazil, instead of simply settling in tradition, the Church allowed herself to unsettle and seek new accommodations, particularly in her liturgical repertoire, capable of integrating the faithful, returning to their original sources, and reaching both distant and closer. Thus, liturgical theology in Brazil, thanks to the CNBB, was developed with the conciliar reform of Vatican II extended to various spaces of understanding of the Christian celebration, opening new horizons and expectations for the life of communities. Cnbb, since Vatican II, has sought to recover and design a new ecclesiology, and it is the liturgical action that reflects par excellence the transformation of the Image of the Church in Brazil, which follows today, particularly in its liturgy the inspiration from biblical and patristic sources. For this reason, several Brazilian liturgists of recent decades, together with the Conciliar Fathers of Vatican II, have managed to rescue very important dimensions of the tradition of the rites that had been lost in history, particularly from the first to the second millennium, when there was a disastrous change of axis, from the essential to somewhat peripheral elements.*

Keywords: Vaticano II. Liturgia. Renovação. Participação. CNBB. Brasil.

Introdução

Quando em 1989, a Conferência Nacional do Bispos do Brasil, lançou o Documento 43, sobre a “*Animação da vida litúrgica no Brasil*”, vislumbrou-se uma primavera e um marco de referência para a percepção da renovação litúrgica na realidade eclesial brasileira, particularmente. Nos primeiros anos pós-conciliares, constatou-se a celebração nas línguas vernáculas, a mudança de estilo celebrativo, a simplificação dos ritos, a alegria e participação dos cantos e um grande número de cursos de formação litúrgica. Tudo para reafirmar e concordar com os Padres Conciliares do Vaticano II, de que a Liturgia é a primeira e principal fonte de espiritualidade de todo cristão. Como bem afirmava o Papa Bento XVI,



apoiado na *Sacrosanctum Concilium*: a Liturgia é a primeira e principal catequese; de onde se bebe dos mistérios celebrados e se produz frutos na vida cotidiana.

Considerando a própria comunidade de fiéis unida e reunida para celebrar, a Igreja depois do Vaticano II, assume-se novamente como peregrina, tal qual sonhou Jesus, seu autor. Mesmo que ao ser guiada também por homens e mulheres pecadores, se confesse então com virtudes e vícios, valores e pecados, mas perseguindo a vontade de estar unida a Tradição e ao Magistério, não perdeu a identidade plena com o seguimento de Jesus, pelo contrário, recuperou mais ainda, pois o Espírito está sempre presente.

A vida litúrgica resgatada pelo Vaticano II, pode e deve gerar nova vida para os filhos e filhas da Igreja. Celebrar é o caminho pelo qual os fiéis glorificam a Deus e se santificam. Por isso, a comunidade peregrina que se reúne para celebrar o mistério divino, como por exemplo a Palavra de Deus em pequenos grupos e famílias – costume muito típico – desde as primeiras comunidades cristãs, herdado pelas comunidades brasileiras desde o Vaticano II, sempre celebra em comunhão com o seu Senhor, e assim, provoca ação evangelizadora e missionária para além de suas fronteiras eclesiais.

A perspectiva da renovação da imagem da Igreja, promovida pelo Vaticano II, superando as definições cristalizadas na evolução dos séculos, com forte acento na força da hierarquia como tutora dos rituais, conduz hoje a comunidade com identidade real e verdadeiro povo de Deus. É na esfera litúrgica principalmente, e na elevação da importância dos ministérios leigos com sua diversidade de funções, que hoje se vê os rituais atingindo pela mistagogia sua devida plenitude. A diversidade de modelos celebrativos, tornou as celebrações da Igreja mais cheias da Palavra de Deus, mais espontâneas e simples, menos jurídicas, abrindo um caminho sem volta para: “um novo jeito de celebrar... que produz um novo jeito de ser Igreja”.

A reforma litúrgica do Vaticano II veio resgatar o essencial na vida cultural da Igreja, isto é, aquilo que está para além de todos os padrões humanos que, no corpo eclesial, acabaram roubando a cena do Espírito que anima este Corpo. Fez assim, com que a liturgia fosse novamente celebrada como experiência orante, fugindo do centralismo litúrgico clerical.



De fato, à medida que o povo cristão cresce em profundidade celebrativa, se transforma pela força com que Jesus lhe fala pessoalmente, renovado com a nutrição da sua presença na Palavra. Depois do Vaticano II, o batismo dos homens e mulheres, agora é entendido novamente como integração comunitária; a vocação batismal valoriza a dimensão do sacerdócio comum dos fiéis; e é essa força que compromete cada fiel com a caminhada da Igreja e sua vida sacramental e litúrgica. As pequenas comunidades são hoje a referência para a concepção de um novo modelo eclesial e deste para um novo modelo ritual.

No Brasil, em comunidades numericamente menores, com leigos e leigas envolvidos na sua história e os ministérios mais bem compartilhados, a vida litúrgica é muito representativa e envolvente. Hoje, não se pode mais “assistir” como espectador a nenhum rito, mas fazer juntos a Celebração acontecer. A vida litúrgica das pequenas comunidades tornou-se o principal referencial da participação mais efetiva dos fiéis nas celebrações da Igreja, com maior autonomia da hierarquia, conforme os rituais; decisão a partir da própria comunidade e grande dinâmica dos ministérios litúrgicos sacramentários.

Geralmente apoiada pelas iniciativas da CNBB e suas dimensões, a Igreja no Brasil vive constantemente, tempos de uma grande aceleração na partilha dos ministérios. Observe-se a acolhida de pessoas simples, dos pobres, minorias e mulheres dentro dos serviços litúrgicos, e nenhuma sombra de tendência clericalista pode ter a chance de diminuir ou breçar esse processo tão bom da eclesiologia do Vaticano II.

1 A reforma litúrgica num caminho de etapas

1.1 A reforma liturgia na Igreja do Brasil deu-se em testemunho histórico de comunhão

O Concílio Vaticano II, vigésimo primeiro Concílio ecumênico, concluído há cinquenta e seis anos (1962-1965), refez a Igreja Católica em muitos aspectos, e porque não, em certa medida, até mesmo o cristianismo. Aconteceu na Igreja, um novo Pentecostes, como pediu em sua oração pública, na ocasião da convocação do Concílio Vaticano II, o então papa João XXIII: “Digne-se o Divino Espírito escutar da forma mais consoladora a oração que sobe a Ele desde as profundezas da terra



... renovai no nosso tempo os prodígios como num novo Pentecostes...”¹
Foi de fato um Concílio de grande dimensão e profundidade; ele refez a rota fundamental da Igreja e a colocou em diálogo constante com o mundo moderno.

O Brasil foi pioneiro em interpretar e implementar as reformas litúrgicas, e graças aos seus liturgistas, dignos homens e mulheres de fé, amantes da Igreja, sempre houve uma preocupação de comunhão e aperfeiçoamento litúrgico. Até o Concílio Vaticano II, diversos teólogos atestam que a Igreja se encontrava distante e muito segura de sua posição e verdade, e o Vaticano II fez com que a Igreja se reposiciona-se e reelaborasse seus conceitos sobre si e sobre o mundo. Assim, a Igreja sai de uma condição de isolada do mundo para um sinal de salvação dentro do mundo; passa a dialogar com a verdade presente em outras esferas e se torna novamente como Cristo desejou: servidora da humanidade. O Vaticano II abriu de fato a Igreja, uma inesperada primavera, como intuiu na época João XXIII e continua ainda hoje, sendo tal Concílio normativo para toda a Igreja.

Tudo começou com a proposta de um *aggiornamento*²; o qual aconteceu de fato em muitas esferas da Igreja, particularmente na vida litúrgica. Assim pediu o Papa João XIII: “O Concílio que agora começa surge na Igreja como dia que promete a luz mais brilhante”.³

Diversos dos nossos saudosos e corajosos liturgistas brasileiros, como por exemplo: Alberto Beckhauser, José Ariovaldo, Ione Buyst, Gregório Lutz, Clemente Isnard e muitos outros) sempre argumentaram que até a reforma litúrgica do Vaticano II, o jeito de celebrar da Igreja tinha se transformado em apenas cumprir determinações canônicas e ritualistas e às vezes um tanto rígidas.

Esse engessamento era consequência de vários duelos doutrinários com outros movimentos cristãos contrapostos que ocorreram na história da vida eclesial, especialmente no segundo milênio. Preocupações com os ritos, precisão de gestos por parte de quem presidia a liturgia e tantos

¹ PASSOS, João Décio. *Concílio Vaticano II*. Reflexões sobre um carisma em curso. São Paulo: Paulus, 2014. p. 7.

² LUTZ, Gregório. *O que é liturgia?* São Paulo: Paulus, 2014. p. 7.

³ PASSOS, João Décio. *Concílio Vaticano II*: Reflexões sobre um carisma em curso. 2014. p. 12.



outros detalhes solidificaram-se no Concílio de Trento⁴, e eram essenciais nas celebrações litúrgicas; pois, uma celebração litúrgica era exteriormente, algo grandioso que impressionava pela beleza e pelo decoro, mas ao mesmo tempo apenas espetáculo a quem assistia.⁵

Houve um enorme prejuízo nesse enrijecimento de normas, que mais tarde vários liturgistas batizaram de rubricismo, pois, deu forte conotação de um mero legalismo. Esse comportamento, levantou uma muralha e deu um choque contra toda e qualquer tipo de reforma cultural, antropológica e devocional das ações litúrgicas, particularmente quando chegou o momento de evangelizar novos continentes, culturas e civilizações.

1.2 O Brasil e diversas iniciativas de abertura da liturgia na caminhada pré-conciliar

Quando se discorre sobre a memória da liturgia que chegou até o Vaticano II, é necessário que a ciência litúrgica recorde-se do Movimento Litúrgico, acompanhado e vivido por muitos liturgistas brasileiros, que foi um prelúdio da reforma litúrgica conciliar. Com o Movimento Litúrgico, as mentes de fato começaram a pensar e foi desencadeado um processo de verdadeiras mudanças nas concepções litúrgicas.

Foi se entendendo a sagrada liturgia como um culto público da Igreja, apontando que os atos de culto da Igreja são na verdade para celebrar o Mistério de Cristo. O Movimento Litúrgico nasceu na Bélgica, através da ação concreta de monges beneditinos e tem como pai e protagonista Dom Lambert Beaudoin (1873-1960). Mais tarde ele se espalha pelo mundo e chega inclusive no Brasil. Com uma descrição de Gabriel Frade é possível sintetizar o principal objetivo do Movimento Litúrgico:

A grande preocupação que norteava as discussões do Movimento litúrgico era de tornar a liturgia uma celebração viva, celebrada de modo que os ritos pudessem melhor comunicar aos homens do século XX o grande mistério do Cristo morto e ressuscitado. A liturgia precisava ser

⁴ BECKHAUSER, Alberto. *Os fundamentos da sagrada liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 258.

⁵ SILVA, J. Ariovaldo. Avanços e limites do movimento litúrgico no Brasil. In: *Raízes históricas e teológicas da Sacrosanctum Concilium*. Brasília: Edições CNBB, 2013. p. 45.



*o centro da vida cristã, uma verdade fonte de onde brota o necessário para nutrir a fé.*⁶

Certamente a Igreja no Brasil nunca se descuidou de acompanhar o processo gradual da reforma litúrgica.. Veja por exemplo, o aprofundamento do Brasil no Movimento Litúrgico: ele pertence a um dos fenômenos mais complexos da história da Igreja do século XX, particularmente quando se busca determinar seu nascimento.

Quase que involuntariamente descobre-se suas raízes cada vez mais longe, até mesmo em parte do século XVI, na época da Reforma e Contrarreforma. Alguns impulsos podem ter vindo também da época do iluminismo, mas os verdadeiros precursores do Movimento Litúrgico se encontram seguramente no segundo e no último terço do século XIX.

Em 20 de novembro de 1947, movido pelo impulso das atividades e reflexões do Movimento Litúrgico, o Papa Pio XII, reconhece oficialmente a importância desse Movimento na liturgia da Igreja e promulga a Encíclica *Mediator Dei*⁷. Tal iniciativa marca uma guinada na mentalidade rubricista que tonificava a liturgia apenas no seu aspecto exterior, como bem pronunciou o próprio Pio XII:

*Não tem, pois, noção exata da sagrada liturgia aqueles que a consideram como parte somente externa e sensível do culto divino ou como cerimonial decorativo; nem se enganam menos aqueles que a consideram como mero conjunto de leis e preceitos com que a hierarquia eclesiástica ordena a realização dos ritos.*⁸

Comentando os efeitos da Encíclica *Mediator Dei* na vida litúrgica da Igreja, Bogaz e Hansen apresentam uma síntese que resume as principais ideias que o Papa Pio XII quis provocar a partir daquele dado momento:

a comunidade eclesial quando se reúne, realiza de forma ininterrupta o culto prestado por Cristo durante sua vida. Esse culto revela a natureza cultural da Igreja e confirma a presença de Cristo, seu mediador

⁶ FRADE, Gabriel. A Sacrosanctum Concilium; elementos para uma história da gênese do texto. In: ABREU, Elza Helena de; SOUZA, Ney de. *Concílio Vaticano II: memória e esperança para os tempos atuais*. São Paulo: Paulinas: UNISAL, 2014. p. 154.

⁷ PIO XII. *Mediator Dei*: Carta Encíclica sobre a Sagrada Liturgia (20.11.1947). In: AAS (1947), p. 548-580.

⁸ PIO XII. *Mediator Dei*. 1947, n. 22.



*e sacerdote [...] nada é disfarce e apenas externo. A liturgia é o culto verdadeiro de Cristo, do qual a Igreja participa com profundidade. Sua função é a realização dos ritos que revelam o próprio Cristo em pessoa em todas as suas ações.*⁹

O mundo em profunda transformação, também moveu a Igreja num processo de mudanças e conseqüentemente numa nova visão litúrgica, que mantendo sua essência, procura até hoje novas formas de responder aos anseios de uma nova eclesiologia. Por isso mesmo, a história do Vaticano II, classifica muitas ações de Pio XII como decisivas para que o Concílio iniciasse seus trabalhos pela dimensão litúrgica. Ao mesmo tempo o tem como o antecedente mais próximo de sua reforma litúrgica, já que em seu pontificado muitas outras medidas foram tomadas com o objetivo de adequar a liturgia às exigências dos tempos atuais.

Depois de muito tempo, um documento papal volta a reconhecer a celebração litúrgica como fonte de fé. Ela não é mais considerada apenas um dispositivo cerimonial com o qual se deve realizar as celebrações sacramentais seguindo prescrições, mas é o lugar onde os fiéis se encontram com o seu Senhor.

Buscando uma outra reflexão de Frade, ele comenta o fato do Vaticano II começar seus trabalhos pela renovação litúrgica da Igreja, influenciado pelo impulso das medidas de Pio XII:

*A decisão de começar os trabalhos do Concílio pela liturgia deve ter sido tomada em base a múltiplos fatores, como, por exemplo, a pouca importância da liturgia na concepção de alguns padres conciliares, o maior entrosamento devido ao acúmulo de 50 anos de discussões levadas adiante pelo movimento litúrgico, as experiências de reforma na liturgia operadas pela Comissão de Pio XII.*¹⁰

Diversos elementos da Encíclica *Mediator Dei*, rituais e espirituais, contribuíram para a compreensão da verdadeira identidade da liturgia na Igreja naquele momento da história e para a posteridade. Celebrar passa ser novamente entendido como tornar Cristo presente de fato na liturgia, continuando seu ofício sacerdotal. A Encíclica de Pio XII reconhecia o

⁹ BOGAZ, A. Sagrado; HANSEN, J. Henrique. *Liturgia no Vaticano II: Novos tempos da celebração cristã*. 2014. p. 22.

¹⁰ FRADE, Gabriel. A Sacrosanctum Concilium, Elementos para uma história da gênese do texto. In: ABREU, Elza Helena; SOUZA, Ney de. *Concílio Vaticano II: memória e esperança para os tempos atuais*. São Paulo: Paulinas: UNISAL, 2014. p. 156.



caráter litúrgico da Igreja celebrante, pois, a liturgia é a ação cultual da cabeça e do corpo da Igreja numa fusão completa.

1.3 Depois do Vaticano II, nada estava pronto, era preciso dedicação e trabalho

Vários movimentos que pediam mudanças profundas na renovação da identidade eclesial surgiram na Igreja antes mesmo do Vaticano II – inclusive no Brasil; integrando a Igreja à novas realidades, tais como: o Movimento Bíblico, Movimento Eclesial e Movimento Laical. A vida litúrgica da Igreja, era no entanto, a grande preocupação entre todos os movimentos que surgiram no período do Concílio Vaticano II.

Na época, todo o repertório litúrgico exigia renovação, mas isso só aconteceria a partir de uma real conversão dos conceitos e vivência fundamentais da liturgia. De fato, Pio XII provocou uma nova teologia da liturgia, com novos aspectos espirituais, eclesiológicos e pastorais.

Salvatore Marsili comenta de forma bem pontuada esse percurso de mudança, provindo de diversas iniciativas históricas, dentro e fora da Igreja:

A percepção da importância dos fundamentos teológicos da liturgia foi fecundando a necessidade da sua restauração, assim que a consciência do mistério pascal como centro de toda a celebração provoca a reforma e gera uma nova visão do cristianismo como mistério eclesial.¹¹

Relatos históricos apontam que uma eminente mudança litúrgica urgia. Na França por exemplo, logo após a guerra, cria-se o “Centro Nacional de Pastoral Litúrgica” e publica-se a revista *La Maison-Dieu*, com a finalidade de coordenar pesquisas na área da liturgia. Debates acalorados sobre a Missa se desenvolviam desde 1950.

Em certos lugares do mundo, muitas medidas já favoreciam uma maior participação dos fiéis, como mudanças na disposição do Altar. J. Gelineau e L. Deiss começam a compor cantos em francês a partir da tradução dos Salmos da Bíblia de Jerusalém; distribuem-se folhetos; muitos padres já tem o costume de dialogar a Missa com a Assembleia e não somente com os coroinhas; e até explicam os ritos aos fiéis. Sabe-se

¹¹ MARSILI, Salvatore. *Anámnese 2: Panorama histórico geral da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 108.



da celebração de paralitúrgias como porta de entrada para atrair os mais afastados da Igreja.¹²

Até o Vaticano II, nos últimos séculos a Igreja havia adquirido inércias que a desorientavam na realização de sua missão. Tal significativa experiência de diáspora que a Igreja vivia de si mesma; o mal estar de muitos cristãos exigiam mudança qualitativa na Igreja, unida aos inumeráveis esforços de muitas pesquisas e estudos para voltar às fontes mais puras da revelação e da fé.

2 Sacrosanctum Concilium: um bússula para o Brasil

2.1 Passados 50 anos de dedicação por uma liturgia simples, sóbria e solene

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, completou 50 anos no dia 04 de dezembro de 2013 e foi o primeiro fruto do Vaticano II. Na verdade, em toda a história da Igreja, foi a primeira vez que um Concílio Ecumênico tratou exaustivamente da Sagrada Liturgia, mesmo lembrando o próprio ensinamento: “A Sagrada liturgia não esgota toda a ação da Igreja”¹³.

O Concílio de Trento já havia tentado, sem muito sucesso, uma reforma litúrgica, mas por vários motivos ela foi apenas parcial, a saber: o latim foi mantido como língua única das celebrações litúrgicas e faltou conhecimento maior das fontes litúrgicas da Patrística que pudessem iluminar a natureza íntima da Sagrada Liturgia. Naquele momento, a reforma foi prejudicada por um posicionamento apologético diante das posições da Reforma Protestante, o qual provocou uma unificação de todos os ritos por normas e rubricas que permaneceram fixos durante quatro séculos.¹⁴

Sabe-se que, após, o Concílio de Trento, houve várias propostas de reforma e de renovação da liturgia da Igreja, mas todas frustradas. Foi justamente com os diversos movimentos de retorno às fontes da Igreja

¹² MOULINET, Daniel. *O Vaticano II contado aos que não o vivenciaram*. 2012. p. 29.

¹³ SC n. 9.

¹⁴ SILVA, J. Ariovaldo. A celebração do mistério de Cristo ao longo da história: panorama histórico geral da liturgia. In: *Manual de Liturgia IV: celebração do mistério pascal*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 486.



que a questão da renovação litúrgica voltou à tona por volta do século XIX. Quanto à essa reflexão, observe-se o comentário de Gregório Lutz:

*A Sacrosanctum Concilium é e será ainda por muito tempo o primeiro e principal documento de referência para nossa liturgia. Ela orientou a reforma litúrgica desencadeada pelo Concílio Vaticano II e deve orientar-nos em todos os esforços por uma liturgia autêntica, sobretudo para uma renovação do espírito com que celebramos. Infelizmente muitos dos católicos continuam vivendo ou voltam-se de novo para uma mentalidade pré-conciliar, tridentina e medieval.*¹⁵

Tendo como motivação a *Sacrosanctum Concilium*, veio a produção do Elenco das Leituras da Missa (ELM), publicado pela primeira vez em 1969¹⁶ e revisado com uma nova edição típica em 1981. Trata-se de uma devida e organizada distribuição das Leituras Bíblicas que possibilita aos cristãos o conhecimento de toda a Palavra de Deus no decorrer do ciclo completo do Ano Litúrgico (distribuído em três anos consecutivos). O Elenco corresponde às necessidades e desejos do povo cristão, “como está disposto no Lecionário do Missal Romano, foi realizado em primeiro lugar, para obter um fim pastoral, seguindo o espírito do Concílio Vaticano II”.¹⁷

O Elenco ainda é muito pouco conhecido, seja por parte dos pastores da Igreja, seja pelos leigos e leigas, isto é, seu espírito, teologia e critérios com os quais se fez esta seleção e organização de Leituras Bíblicas para o ciclo do Ano Litúrgico.

2.2 Liturgia: participação ativa, consciente e plena: eis o trabalho

Cientes de que a liturgia da Igreja havia sofrido um sério deslocamento de eixo na sua compreensão e vivência os Padres Conciliares do Vaticano II, realizaram então um árduo trabalho para levar a liturgia de volta às suas fontes e assim, apresentaram na *Sacrosanctum Concilium* o real desejo e necessidade da renovação litúrgica da Igreja. Tudo

¹⁵ LUTZ, Gregório. *O que é liturgia?* São Paulo: Paulus, 2014. p. 5.

¹⁶ INTRODUÇÃO Geral ao Elenco das Leituras da Missa (ELM). São Paulo: Paulinas, 1981.

¹⁷ ELM n. 58.



para proporcionar novamente aos fiéis uma correta participação na ação litúrgica. Por isso mesmo recomendaram:

*A santa mãe Igreja, para permitir ao povo cristão um acesso mais seguro à abundância de graça que a Liturgia contém, deseja fazer uma acurada reforma geral da mesma Liturgia. Na verdade, a Liturgia compõe-se dum parte imutável, porque de instituição divina, e de partes susceptíveis de modificação, as quais podem e devem variar no decorrer do tempo, se porventura se tiverem introduzido nelas elementos que não correspondam tão bem à natureza íntima da Liturgia ou se tenham tornado menos apropriados. Nesta reforma, proceda-se quanto aos textos e ritos, de tal modo que eles expressem com mais clareza as coisas santas que significam, e, quanto possível, o povo cristão possa mais facilmente apreender-lhes o sentido e participar neles por meio de uma celebração plena, ativa e comunitária.*¹⁸

Durante séculos havia acontecido um deslocamento de eixo na liturgia da Igreja, praticamente durante todo o segundo milênio. Depois dos longos e penosos anos do Movimento Litúrgico, finalmente a Igreja aproveita o Vaticano II, e toma a importante decisão pastoral de resgatar elementos essenciais que haviam sido colocados em segundo plano e até esquecidos, os quais prejudicavam totalmente a participação do povo fiel na sagrada liturgia.

No Vaticano II, os Padres Conciliares afirmaram: “a liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força.”¹⁹ Resgata-se assim, a sagrada liturgia como a fonte mais excelente de espiritualidade cristã, superando a visão meramente exterior e utilitarista da liturgia, instaurando-se definitivamente uma visão eminentemente teológica.

É preciso considerar a liturgia como um todo, da forma que ela realmente é, e não apenas de sua expressão ritual. Vale lembrar a relação íntima entre ação litúrgica e vida cotidiana, que impulsiona a penetrar o Mistério de Cristo celebrado na liturgia. Por isso, além de formação litúrgica, catequética e doutrinal, as comunidades precisam receber e desenvolver uma espiritualidade litúrgica, isto é, participação interior que alimente e dê sentido à participação exterior.

¹⁸ SC n. 21.

¹⁹ SC n. 10.



Participar da liturgia não é apenas uma questão de direito e dever, antes é um dom, uma graça e eleição. É uma integração que se dá na comunhão entre o céu e a terra em Cristo Ressuscitado.

Para os Padres Conciliares do Vaticano II, a verdadeira participação dos fiéis no Mistério celebrado é justamente um conjunto de sentidos, isto é, uma participação ativa, consciente e plena, que ocasionará uma participação frutuosa:

Para chegar a essa eficácia plena, é necessário que os fiéis se acerquem da Sagrada Liturgia com disposições de reta intenção, adaptem a mente às palavras, e cooperem com a graça divina para não recebê-la em vão. Por isso, é dever dos sagrados pastores vigiar para que, na ação litúrgica, não só se observem as leis para a válida e lícita celebração, mas que os fiéis participem dela consciente, ativa e frutuosamente.²⁰

Nos trabalhos da renovação litúrgica promovida pelo Vaticano II, era preciso estar no centro a espiritualidade dos fiéis. Entende-se assim que a espiritualidade cristã não é algo paralelo à sagrada liturgia da Igreja; ela precisa ser eficaz e autêntica, e para isso, em primeiro lugar vem a reta intenção, isto é, a ação litúrgica deve ser também pessoal.

3 O caminho sempre foi contruir uma liturgia de volta às fontes da Igreja

3.1 Caminhar para frente e retornar às origens

No decorrer da história, sobretudo no segundo milênio, aconteceram significativos deslocamentos de acento na compreensão e vivência da liturgia. É o caso do aspecto teologal para o devocional; da vivência celebrativa do Mistério Pascal de Cristo para devoções aos santos; da centralidade dos sacramentos como celebração e atualização do Mistério para sua compreensão apenas como utilitarista; da vivência celebrativa e centralidade da Palavra de Deus para apenas relatos e às vezes recheados de lendas e contemplação da vida dos Santos e Santas; do caráter comunitário, participativo e ministerial da liturgia para o individualismo

²⁰ SC n. 11.



religioso; da capacidade de adaptação da liturgia às diferentes culturas para o centralismo romano.²¹

Para registrar o que havia de fato a respeito da Palavra de Deus nas celebrações da Igreja e aquilo que o Concílio Vaticano II recuperou e devolveu para a Igreja, é oportuno recorrer à uma entrevista do monge e teólogo italiano Enzo Bianchi, prior e fundador da Comunidade de Bose, onde comenta o seu testemunho pessoal a respeito desse antes e depois:

É verdade que as pessoas «assistiam» e que essa era a sua participação: o que importava era a devoção, o exercício dos afetos, a atenção à presença de Deus, o temor pelo que acontecia sobre o altar. Não era dada a palavra do Senhor: o Antigo Testamento, durante a semana, era lido pouquíssimas vezes, as leituras da epístola e do evangelho eram sempre as mesmas, em ainda em latim (mais em geral, nas missas não “de morto”, as leituras bíblicas eram muito escassas: textos bíblicos, quase que unicamente do evangelho segundo Mateus e admoestações paulinas). Lembro que o meu pároco, considerado um inovador na liturgia e às vezes por isso criticado pelo bispo, a partir de 1951, me fazia ler em italiano, do parapeito, as leituras que ele, simultaneamente, lia em voz baixa em latim no altar. Então, as pessoas faziam silêncio, ouviam, como na elevação: eram os únicos momentos em que se suspendiam as devoções realizadas paralelamente com o desdobramento da missa.²²

No dia 07 de março de 2015, às 18h, o Papa Francisco, presidindo a Eucaristia na paróquia romana de todos os Santos na via Ápica Nova, recordou que naquela mesma Igreja, cinquenta anos antes, ali esteve o Papa São Paulo VI para presidir a Eucaristia pela primeira vez em italiano, segundo as renovadas normas litúrgicas estabelecidas pelo Concílio Vaticano II. Na ocasião, o Papa Francisco, recordou as palavras do Papa São Paulo VI expressas em sua Homilia:

De hoje em diante, norma fundamental é rezar compreendendo cada frase e palavra, completá-las com os nossos sentimentos pessoais e

²¹ SILVA, J. Ariovaldo. A reforma litúrgica a partir do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Concílio Vaticano II: Análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 294.

²² BIANCHI, Enzo. A reforma litúrgica do Vaticano II. In: entrevista “*Clero Rivista italiana*”, n. 3, p. 56, mar. 2012.



*uniformizá-los em conformidade com a alma da comunidade, que faz coro conosco.*²³

Todo este material substitutivo que aparentemente havia se perdido na história, ficou arquivado no inconsciente coletivo da Igreja, então anestesiada e dominada por padrões pouco ou nada cristãos que nela se agregaram. Tudo passou a funcionar de forma inconsciente, e portanto, como sendo perfeitamente normal, original e cristão. Só em fins do século XIX e com força maior no século XX, emerge pouco a pouco uma nova consciência. Intuições proféticas vão surgindo, no sentido de constatar e fazer perceber o quanto a Igreja de Cristo havia se distanciado de suas origens. Foi preciso esperar mais de quatro séculos para que chegasse a devida reforma litúrgica, e esta veio com o Vaticano II.

O grande mérito do Concílio Vaticano II, foi ter colocado de novo a liturgia numa perspectiva eminentemente teológica e pastoral, resgatando a primazia da ação litúrgica como obra de Deus e de Jesus Cristo, ou mesmo a ação litúrgica como obra de Cristo na ação ritual. Superou-se assim, uma visão exclusivamente estética e ritualista da liturgia em favor de uma compreensão teológica e espiritual da mesma.²⁴

Ao visitar o número 33 da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, observa-se que o Concílio Vaticano II não tinha a pretensão de dar uma resposta a todas as questões da Igreja, mas convidava a discutir, com toda abertura do espírito, os problemas colocados à Igreja e ao mundo. Por isso mesmo, no decorrer dos anos pós-conciliares, a tarefa da teologia consistiu em aprofundar suas intuições, prosseguir as frentes de trabalho abertas pelo Vaticano II e a enfrentar novas questões que ele não poderia antecipar.

Conclusão

O Concílio Vaticano II foi um evento e um marco excepcional de colaboração e de discernimento comum entre bispos, padres, teólogos, leigos e leigas do Brasil e de todos os continentes. Ele permitiu à Igreja renovar sua proposta e seu caminho pastoral litúrgico, bem como de sua

²³ L'OSSERVATORE ROMANO. Edição para o Brasil, n. 5, p. 10, 5 abr. 2015; SC n. 26; n. 54.

²⁴ SILVA, José Ariovaldo. Reforma litúrgica do Vaticano II, para um jeito renovado de ser Igreja. In: *O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2015. p. 163.



missão a serviço de um mundo em plena transformação. Com efeito, a renovação do Vaticano II foi vivida de modo peculiar e teve uma recepção diferente e diferenciada segundo os diversos contextos geográficos, sociais, culturais e eclesiais. Essas experiências diferentes tiveram repercussões sobre as interpretações teológicas do Concílio Vaticano II e provocaram, às vezes, conflitos entre pessoas, tensões entre instituições, desacertos entre comunidades. Todavia, o Vaticano II, permanece para todos um acontecimento do Espírito Santo e uma bússola segura para orientar a vida cristã de todos.

Cinquenta e seis anos depois do Vaticano II e da promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia, primeiro documento conciliar, carta magna para uma renovada vida litúrgica das comunidades eclesiais, o Espírito de Deus, não para de soprar para um constante impulso de renovação da Igreja em si. Também, não é de se estranhar que todo caminho novo se deprende tanto com exageros, vícios e desvios; como também com sinais de tendências ao retrocesso em relação ao que foi o sonho do então Papa João XXIII. Os liturgistas brasileiros sempre defenderam que é preciso caminhar para o amadurecimento e que a Igreja se identifique na prática de celebrar com o modelo eclesial proposto pelo Concílio Vaticano II e se afaste nesta esfera do formato tridentino que existia até o último Concílio.

O Vaticano II é portador de grandes intuições, ainda hoje fecundas na animação litúrgica da Igreja no Brasil. Ele sugere um método ou uma maneira de proceder juntos para abordar questões novas num diálogo aberto e livre. Indica uma direção e orienta de novo o pensamento para muitas questões que foram abordadas nesta obra.

É preciso ler os sinais dos tempos; discernir a presença de Deus nas realidades concretas e cotidianas da história e das culturas; escutar Deus que interpela através dos pobres, marginalizados e excluídos; pensar a unidade e a diversidade; promover um Evangelho de reconciliação e não de divisão; insistir no diálogo fraterno como único meio inspirador para vencer e superar as diferenças e fazer a vontade Daquele que pelos homens se encarnou, morreu e ressuscitou, cuja memória se celebra e se atualiza perpetuamente na Sagrada Liturgia da Igreja – Jesus Cristo.

As conquistas da renovação litúrgica, particularmente, a recuperação e entendimento teológico, deixaram traços transformadores na vida da Igreja no Brasil e depois de mais de 50 anos, ainda são assumidos pelas comunidades como grande novidade do Espírito de Deus. Hoje



se tem um outro olhar e uma outra vivência sobre as Celebrações das Comunidades, mesmo, quando se depara com exageros e distorções, que muitas vezes, dão espaço privilegiado para alguns grupos de resistência à renovação litúrgica, em nome de uma “pseudo-ortodoxia”, adesão a movimentos de retrocessos, rubricismos e rigidismos litúrgicos.

Em relação a essa tendência de fechamento, é oportuno recordar o vasto pronunciamento do Papa Francisco no dia 24 de agosto de 2017, por ocasião do encontro na Sala Paulo VI com os participantes da Semana Litúrgica Nacional Italiana. Dizia Francisco que não basta reformar os livros litúrgicos para renovar a mentalidade. A educação litúrgica de pastores e fiéis é um desafio a ser enfrentado sempre de novo. Francisco deixou claro que a reforma litúrgica é irreversível, pois, se deram acontecimentos substanciais e não superficiais. O Vaticano II e a reforma litúrgica são dois eventos diretamente ligados, que não floresceram repentinamente, mas foram longamente preparados, lembrou o Papa. Toda reforma ocorrida requer tempo, recepção dos fiéis, obediência prática, sábia atuação celebrativa por parte, antes, dos ministros ordenados, mas também dos outros ministros, dos cantores e de todos aqueles que participam da liturgia. Para Francisco a dimensão popular da liturgia recorda que ela é inclusiva e não exclusiva, criadora de comunhão com todos.

Na ocasião, o Papa Francisco ainda recordou o Papa São Paulo VI, o qual afirmara que chegou o momento de deixar cair novamente os fermentos desagregadores, igualmente perniciosos em um sentido e em outro, e de aplicar integralmente nos seus justos critérios inspiradores, a reforma aprovada no Vaticano II. Francisco iluminou novamente o caminho da esperança ao se pronunciar dizendo que ainda há trabalho a ser feito, redescobrimo os motivos das discussões realizadas com a reforma litúrgica, superando leituras infundadas e superficiais, recepções parciais e práticas que a desfiguram. Segundo o Papa, é preciso ter uma liturgia viva para uma Igreja viva. A liturgia é vida para todo o povo da Igreja. Por sua natureza, a liturgia é de fato popular e não clerical, sendo sempre uma ação para o povo e do povo.

O Papa Francisco enfatizou ainda que os fiéis não podem assistir como estranhos e mudos espectadores ao mistério da fé celebrado na liturgia, mas têm o direito de compreender por meio de ritos e preces, participando da ação sagrada de maneira consciente, piamente e ativamente.

De fato, o homem e a mulher desses tempos, mais do que nunca necessitam de ser místicos para levar adiante uma saudável espiritualidade



cristã; precisam ser iniciados numa madura mistagogia e é nessa esfera que a Palavra de Deus encontra terreno fecundo e fértil. Para ser compreendida e entendida; nada mais eficiente do que celebrá-la; pois, celebrar a Palavra de Deus em pequenas comunidades, como numa família reunida na sala de sua casa ou na varanda de seu apartamento, fomenta a vontade de buscar a Comunidade maior reunida na paróquia; de buscar essa mesma Palavra que se faz Carne em todas as vezes que se celebra a Eucaristia, particularmente aos Domingos nas Catedrais, Igrejas Matriz e/ou Capelas. Os batizados carecem de ser evangelizados, por isso, precisam de mais tempo e de mais oportunidades e contato com a coisas sagradas, particularmente a espiritualidade que liturgia proporciona.

Referências

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM (LG); sobre a Igreja. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 101-194.

CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM (SC); sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 33-82.

CELAM. *Adaptar a liturgia*. São Paulo: Paulus, 1977.

CELAM. *Manual de liturgia I: A celebração do mistério pascal*. Introdução à celebração litúrgica. São Paulo: Paulus, 2004.

CELAM. *Manual de liturgia III: A celebração do mistério pascal*. Fundamentos teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: Paulus, 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Animação da vida litúrgica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2000. (Documento 43).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *A arte de celebrar: guia pastoral*. Centro Nacional de Pastoral Litúrgica. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*; Documento n. 100. Brasília: Edições CNBB, 2015.



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*. Documento n. 102; (2015-2019). Brasília: Edições CNBB, 2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar*. São Paulo: Paulinas, 1986.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Os cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade* (Doc n. 105). Brasília: Edições CNBB, 2014.

BECKHÄUSER, Alberto. *Canta a liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BECKHÄUSER, Alberto. *Os fundamentos da sagrada liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BECKHÄUSER, Alberto. *Celebrar bem*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BECKHÄUSER, Alberto. *Sacrosanctum Concilium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2013.

BIANCHI, Enzo. *Presbíteros: Palavra e liturgia*. São Paulo: Paulus, 2016.

BOGAZ, A. Sagrado; HANSEN, J. Henrique. *Liturgia no Vaticano II: Novos tempos da celebração cristã*. São Paulo: Paulus, 2014.

BOGAZ, A. Sagrado; HANSEN, J. Henrique. *Reforma Litúrgica: renovação ou revolução*. São Paulo: Paulus, 2012.

FRADE, Gabriel. *A Sacrosanctum Concilium: Elementos para uma história da gênese do texto*. In: ABREU, Elza Helena de; SOUZA, Ney de. *Concílio Vaticano II: memória e esperança para os tempos atuais*. São Paulo: Paulinas: UNISAL, 2014.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Dies Domini* (DD). São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Dominicae Cenaes*. São Paulo: Paulus, 1999.

L'OSSERVATORE ROMANO. Edição para o Brasil, n. 5, p. 10, 5 abr. 2015.

L'OSSERVATORE ROMANO. Edição para o Brasil, n. 18, p. 14, 4 maio 2017.



LUTZ, Gregório. A Palavra de Deus em documentos do Vaticano II e pós conciliares. In: ABREU, Elza Helena de; SOUZA, Ney. *Concílio Vaticano II: memória e esperança para os tempos atuais*. São Paulo: Paulinas: UNISAL, 2014. p. 146-163.

LUTZ, Gregório. *Celebrar em espírito e verdade*. São Paulo: Paulus, 2005.

LUTZ, Gregório. *História geral da liturgia, das origens até o Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2010.

LUTZ, Gregório. *O que é liturgia?* São Paulo: Paulus, 2014.

MOULINET, Daniel. *O Vaticano II contado aos que não o vivenciaram*. São Paulo: Paulus, 2012.

PASSOS, João Décio. *Concílio Vaticano II: Reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014.

PASSOS, João Décio. Movimento Litúrgico. In: *Novo Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992. p. 787-789.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulus, 1977.

PIO XII. Carta Encíclica *Mediator Dei*: sobre a Sagrada Liturgia; (20.11.1947). In: *AAS* (1947), pp. 548-580.

SILVA, José Ariovaldo. *O movimento litúrgico no Brasil: estudo histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

SILVA, José Ariovaldo. A reforma litúrgica a partir do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Concílio Vaticano II: Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 293-313.

SILVA, José Ariovaldo. “A reforma eucarística do concílio Vaticano II, vista dentro do contexto histórico geral da liturgia” – estudo e pesquisa, 2006.

SILVA, José Ariovaldo. A celebração do mistério de Cristo ao longo da história; panorama histórico geral da liturgia. In: *Manual de Liturgia IV: celebração do mistério pascal*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 445-518.

SILVA, José Ariovaldo. Reforma litúrgica do Vaticano II, para um jeito renovado de ser Igreja. In: *O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2015. p. 149-172.